

---

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

---

### CONCEIÇÃO EVARISTO E ESMERALDA RIBEIRO: INTELECTUAIS NEGRAS, POESIA E MEMÓRIA

Francineide Santos Palmeira (UFBA)  
francineidepalmeira@yahoo.com.br

RESUMO: Este texto busca verificar a relação entre a poesia e a memória na produção de escritoras que publicam nos *Cadernos Negros*. Para isso, foram escolhidos alguns poemas das escritoras Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro que tratam a respeito da memória.

PALAVRAS-CHAVE: poesia, memória, escritoras, afrodescendente.

Os *Cadernos Negros*, um dos importantes espaços para publicação da literatura negra, consistem em uma antologia anual que reúne produções artísticas dos afro-brasileiros. De autoria variada, com escritores oriundos dos diversos estados brasileiros, essa antologia poética, que surgiu em São Paulo em 1978, possui, até o momento, trinta e um volumes, sendo os números ímpares dedicados aos poemas e os números pares, aos contos.

No que concerne à participação das escritoras negras nesse periódico, embora se façam presentes desde o primeiro número, esse não tem sido um processo fácil, visto que as escritoras afro-brasileiras enfrentam um “duplo desafio representado por uma sociedade simultaneamente racista e sexista” (Campos 1992: 117). A luta das escritoras, para consolidar uma tradição literária feminina na literatura negra, é abordada pelos atuais organizadores dos *Cadernos Negros*<sup>1</sup>, Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa, no texto de apresentação do volume 29:

Quem sabe este volume seja também a consolidação de uma escrita feminina atuante nos *Cadernos*... Às vezes a presença de poemas ou contos de apenas duas mulheres, em uma experiência coletiva, é como uma gota no

---

<sup>1</sup> Documentados como CN.

oceano. Neste volume a musicalidade da poesia tocou os corações de algumas escritoras. O olhar, o ritmo e a estética feminina desta vez estão nos textos de nove delas, [...]. Embora os aplausos sejam ainda contidos, já que encontramos neste *Cadernos* versos de vinte homens, valeu. Quem ganhará com a diversidade da escrita feminina seremos todos nós. (Ribeiro & Barbosa 2006: 16)

Essas palavras evidenciam a luta permanente das mulheres negras para consolidar o espaço feminino nessa série. Em alguns volumes, a produção feminina teve duas representantes, enquanto os homens eram seis (CN 1); em outros eram três, e os homens dois (CN 17); em 2006, foram nove mulheres para vinte homens (CN 29).

Entre os nomes das escritoras que já publicaram e/ou publicam nos *Cadernos Negros* citamos: Alzira Rufino, Ângela Galvão, Ana Cruz, Ana Célia da Silva, Andréia Lisboa, Benedita De Lazari, Célia Aparecida Pereira, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Graça Graúna, Iracema Régis, Marta André, Marise Tetra, Maria da Paixão, Miriam Alves, Mel Adún, Lia Vieira, Regina Amaral, Roseli Nascimento, Ruth Souza Saleme, Serafina Machado, Sônia Fátima, Sueli Ribeiro, Teresinha Tadeu, Vera Lucia Barbosa. É relevante destacar que dentre as escritoras citadas acima, duas são baianas: Ana Célia da Silva e Mel Adún.

Por meio de suas perspectivas — marcadas, como não poderia deixar de ser, pela vivência de ser mulher negra na sociedade brasileira — essas escritoras afro-brasileiras, que publicam nos *Cadernos Negros*, contribuem para a constituição de uma história brasileira sob a perspectiva feminina negra que revela elementos apagados e/ou desprivilegiados pelas escritas falocêntrica e branca.

As escritoras negras contribuíram e contribuem com a luta histórica de seus ancestrais pela questão da afrodescendência no Brasil e para a constituição da identidade afrodescendente por meio do instrumento da escrita, pois, conforme Michel Foucault (1971: 2), “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”.

Neste ensaio, exemplificaremos a produção feminina negra dos *Cadernos Negros* por meio das obras de Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro. Vejamos agora um rápido perfil de cada uma dessas escritoras.

## CONCEIÇÃO EVARISTO E ESMERALDA RIBEIRO: INTELECTUAIS NEGRAS INSURGENTES

Conceição Evaristo, professora, poetisa, ensaísta e militante é natural de Minas Gerais, reside no Rio de Janeiro desde 1973. Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Evaristo é uma escritora afro-brasileira que transita entre os espaços dos movimentos sociais e o ambiente acadêmico. Esta

pesquisadora tem participado de eventos internacionais de literatura e como palestrante em países como Áustria, Porto Rico, Estados Unidos e Cuba. Suas obras individuais são os romances: *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), e o livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). A participação dessa escritora nos *Cadernos Negros* iniciou-se em 1990. Além de coletâneas literárias e críticas brasileiras, seus textos aparecem em antologias tais como: *Schwarze prosa*, Alemanha (1993); *Moving beyond boundaries: international dimension of black women's writing* (1995); *Women righting – Afro-brazilian Women's Short Fiction*, Inglaterra (2005); *Finally Us: contemporary black brazilian women writers* (1995); *Callaloo*, vols. 18 e 30 (1995, 2008); *Fourteen female voices from Brazil* (2002), Estados Unidos; *Chimurenga People* (2007), África do Sul; *Brasil-África: como se o mar fosse mentira*, Brasil/Angola (2006). Ademais, suas obras são traduzidas e pesquisadas dentro e fora do país.

Na seqüência, temos a jornalista, escritora e pesquisadora da literatura afro-brasileira Esmeralda Ribeiro, paulista nascida em 1958. A participação dessa escritora na organização dos *Cadernos Negros* remonta a 1982. Além de obras individuais, como *Malungos e Milongas* (1988), *Gostando mais de nós mesmos* (1999), essa jornalista tem participado de diversas antologias nacionais e internacionais: *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira* (1982), *Criação Crioula, nu elefante branco* (1987), *Gênero e representação na literatura brasileira vol. II* (2002), *Moving beyond boundaries: international dimension of black women's writing* (1995); *Finally Us: contemporary black brazilian women writers* (1995); *Colorado* (1995), *Callaloo*, vols. 18 (1995); *Fourteen female voices from Brazil* (2002), *Women righting – Afro-brazilian Women's Short Fiction*, Inglaterra (2005). Atualmente, é uma das coordenadoras do Quilombhoje, uma instituição responsável pela publicação dos *Cadernos Negros* e tem participado como palestrantes de conferências e seminários nas quais aborda a questão da escrita feminina.

A postura crítica das escritoras Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro, seja por meio da atuação dessas escritoras na sociedade, seja por meio da produção literária, deixa evidente a aproximação dessas escritoras com a imagem de intelectual produzida pelas palestras intituladas *Representações do intelectual*:

o intelectual é um indivíduo com um papel público específico na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe que apenas trata da sua vida. A questão fundamental para mim, penso eu, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma faculdade para representar, corporizar, articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para [...] um público. (Said 2000: 28)

Essas afro-brasileiras são conhecidas e reconhecidas socialmente pelo grupo específico que elas representam e pela sociedade brasileira em geral. Isso porque além de serem militantes, em diversos momentos, essas autoras procuram promover suas participações em movimentos sociais, eventos acadêmicos, em grupos de trabalhos, simpósios, congressos, dentre outros, que favoreçam o (re) conhecimento de suas produções, trajetórias intelectuais e à afirmação das diferenças. São exemplos desses

eventos os lançamentos anuais dos *Cadernos Negros* e Congressos de Pesquisadores Negros. Outra questão importante, é que alguns vestibulares de Universidade Federais, tais como a Universidade Federal da Bahia, e a Universidade Federal de Minas Gerais já trazem obras de autores e autoras afro-brasileiras contemporâneos entre o elenco de obras recomendadas para o vestibular. Ademais, a presença das autoras e autores da literatura brasileira em entrevistas em revistas, jornais, sites e blogs também têm contribuído para divulgação do trabalho intelectual desses autores.

Diante do exposto, evidenciou-se que as escritoras aqui estudadas encontram-se vinculadas às comunidades a que pertencem – a comunidade afro-brasileira – e que as mesmas atendem a essas comunidades no sentido de lhes prestar a competência de seus conhecimentos. E essas duas características constituem algumas das orientações, segundo Cornel West, a serem adotadas pelos intelectuais negros insurgentes.

Contudo, essas não são as únicas características pelas quais as escritoras Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro podem ser denominadas de intelectuais negras insurgentes. Essas escritoras, além do vínculo com a comunidade, desempenham a principal característica da intelectual negra insurgente: ter como meta o questionamento dos *regimes de verdades* da sociedade que vivemos. Os *regimes de verdades*, por sua vez, são assim definidos por Foucault, em sua obra *Microfísica do Poder*: “Cada sociedade tem seu regime e verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”, produzindo “efeitos regulamentados de poder” (1979:12).

Como está falando a partir da (e para a) sociedade norte-americana, Cornel West convoca os intelectuais negros norte-americanos a questionar os discursos de verdades euro-americanos. Ainda de acordo com este autor, a tarefa central dos intelectuais negros da atualidade “é estimular, proporcionar e permitir percepções alternativas e práticas que desloquem discursos e poderes prevaletentes” (West 1999: 13) para deflagrar a insurgência negra

Assim, na esteira desse pensamento, podemos ler as produções literárias das escritoras negras como resultado de um exercício intelectual, pois, em suas obras, divulgam-se discursos que se contrapõem ao já estabelecido sobre elas e ressignificam as suas vivências e histórias. A temática da memória sob a perspectiva afro-brasileira é um exemplo disso. As escritoras e os escritores dos *Cadernos Negros* buscam, entre outros objetivos, “revigorar a memória das várias tradições afrodescendentes que circularam e se reconfiguraram [...] e continuam sendo refeitas por todo século XIX e XX.” (Souza 2008: 49). Compreendendo a memória como importante para construção da identidade dos afro-brasileiros, as escritoras e os escritores da literatura negra tematizam a memória dos afrodescendentes em suas produções, trazendo à tona uma memória coletiva invisibilizada, negada e apagada pela história oficial brasileira. Por meio da reinvenção poética, essas escritoras e escritores imortalizam a experiência vivenciada e transmitida de pai para filho e de mãe para filha num processo constante de reconfiguração/preservação simultânea de tradições seculares transmitidas pela oralidade.

Tendo em vista a especificidade da intelectualidade negra, a segunda parte desse artigo se debruçará sobre as produções literárias de Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro, a fim de observar o modo como a representação dos afro-brasileiros e da afrodescendência é construída sob a perspectiva das intelectuais negras brasileiras. Com essa finalidade, veremos a seguir um texto que relaciona poesia e memória na produção das escritoras negras contemporâneas.

## MEMÓRIA E POESIA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E ESMERALDA RIBEIRO

Memória. Termo que nomeia uma diversidade de significado. Em *Modos de Saber, modos de adoecer*, Roberto Correa dos Santos diferencia dois tipos de memória. A memória como categoria da história, que inclui valores de pequenos grupos sociais até os valores das nações e formas de destinos coletivos; e a memória como máquina mental ativa de cada sujeito. Esta é caracterizada por Correa como primária e particular; aquela como secundária e geral.

A memória, como máquina mental de cada sujeito, não pode ser controlada pelo indivíduo. Independentemente da vontade do sujeito, ela é acionada, fazendo surgir às recordações, como podemos observar no poema “Recordar é preciso” de Conceição Evaristo:

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos.  
A memória bravia lança o leme:  
Recordar é preciso.  
O movimento de vaivém nas águas-lembranças  
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
salgando-me o rosto e o gosto. Sou eternamente naufraga.  
Mas os fundos oceanos não me amedrontam nem me imobilizam.  
Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.  
Sei que o mistério subsiste além das águas  
(Evaristo 1992: 17)

Nesse poema, a memória é comparada ao mar, pois esta, assim como o mar, é incontrolável. A memória adormece sob os pensamentos até ser despertada por algo. O despertar da memória pode ser causado por um objeto, por exemplo. Ecléia Bosi, fundamentada em Violette Morin, denomina os objetos que despertam as lembranças de objetos biográficos. Estes são assim definidos: “envelhecem com seu possuidor e se incorpora a sua vida: o relógio da família, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa mundi do viajante. Cada um dos objetos representa uma experiência vivida. Penetrar na casa em que estão é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores” (Bosi 1994: 441).

Em “Recordar é preciso”, destaca-se ainda uma voz enunciativa que nos conta seu estado de espírito: sente-se uma eterna náufraga. Ratificando, assim, algumas conceituações. Primeiro, observamos que se trata realmente de uma poesia lírica, já que o gênero lírico, segundo Rosenfeld, consiste num poema no qual “se destaca uma voz central - quase sempre um *Eu* - nele exprimir seu próprio estado de alma” (Cunha 1979: 97) De fato, a subjetividade é um traço da poesia lírica apontada por vários estudiosos. Entretanto, não devemos confundir o eu lírico com o eu autobiográfico, visto que o fato literário possui um universo fictício, onde os elementos da realidade concreta entram em tensão com o imaginário, para criar uma nova realidade, atrás da qual o autor desaparece (Cunha 1979: 97).

A segunda coisa que o poema de Evaristo confirma são as palavras de Hegel quando este define o conteúdo da poesia como “[a] maneira como a alma com seus juízos subjetivos, alegrias e admirações, dores e sensações, toma consciência de si mesma no âmago deste conteúdo” (1980: 221).

Esse eu feminino que se caracteriza como náufraga sente-se dessa forma, provavelmente, porque revive constantemente uma ilusão de tempo reversível, isto é:

A reinteração dos movimentos, *feita dentro do sujeito*, faz com que este perceba que o que foi pode voltar: com essa percepção e com o sentimento da simultaneidade que a memória produz (recordo *agora* a imagem que vi *outro*) nasce a idéia do tempo reversível. O tempo reversível é, portanto, uma construção da percepção e da memória. (Bosi 1992: 2)

Segundo Alfredo Bosi, no ensaio *O tempo e os tempos*, é a linguagem que possibilita a memória articular-se formalmente e duradouramente na vida social. Ainda segundo Bosi, “[p]ela memória as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações esse processo *cai* no inconsciente linguístico, reafirmando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores” (1992: 28).

De acordo com esse pensamento de Alfredo Bosi, a memória consiste em uma forma de tornar imortais as pessoas e fatos. Idéia corroborada por Correa quando este se refere à memória como categoria histórica: “Todas, no entanto, unem-se pelo fio comum de um mesmo trabalho, o do embate com a morte” (Santos 1999: 16).

Ao escrever fatos e momentos importantes do passado afrodescendente, as escritoras re (inventam) e re (atualizam) a memória afro-brasileira, pois, segundo Ecléia Bosi (1994), lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações.

Nesse sentido, o poema “Vozes-Mulheres” de Conceição Evaristo evidencia o modo como um sujeito lírico, que se identifica como um sujeito feminino negro, vê a história da luta contra a escravidão ao longo das diversas gerações:

### Vozes-Mulheres

A voz da minha bisavó ecoou  
criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem — o hoje — o agora.  
Na voz de minha filha  
Se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.  
(Evaristo 1990: 32)

Nesse poema, podemos identificar as características de gênero e etnia do sujeito lírico, porque “a recordação traz a marca dos padrões e valores mais ou menos ideológicos do sujeito, a marca dos seus sentimentos a colorir eticamente e afetivamente a lembrança” (Gonçalves Filho 1988: 99).

Esse sujeito poético traz a memória de uma luta da qual participaram várias gerações distintas (a bisavó, a avó, a mãe, o sujeito lírico feminino e a filha). As vozes dessas mulheres funcionam como contas de um colar que constituiria a liberdade, um colar que está sendo analisado pela eu poético que recorda a vida de seus antepassados e fala do futuro de sua filha, ou seja, da esperança que tem no futuro da filha. Esse momento pode ser percebido nitidamente na última estrofe. O verso *a fala e o ato* traz uma idéia de teoria e prática, o reconhecimento da história e a ação efetiva para modificá-la. Essa filha que conhece o ontem, o hoje e o agora, poderá desfrutar de uma conquista que se construiu através dos tempos: a liberdade.

Na linhagem estabelecida nesse poema, as vozes posteriores, desfrutam das conquistas obtidas pela luta de seus ancestrais. Assim, a liberdade vivenciada pela filha no futuro será a ressonância de lutas anteriores (o choro, a submissão, a revolta contra, as palavras poéticas e a atuação).

Embora, já tenha assinalado sobre isso anteriormente, considero importante reafirmar que apesar de tematizar um fato verídico — a escravidão, temos nesse poema uma ficcionalização, pois:

Quando a poesia moderna se refere a conteúdos - das coisas e dos homens — não os trata descritivamente, nem com o calor de ver e sentir íntimos. Ela nos conduz ao âmbito do não familiar, torna-os estranhos, deforma-os. A poesia não quer ser mais medida em base ao que se chama realidade, mesmo se — como ponto de partida para sua liberdade — absorveu-a como resíduos [...] das três maneiras possíveis de comportamento da composição lírica-sentir, observar, transformar — esta última que domina na lírica moderna e, em verdade, tanto no que diz respeito ao mundo quanto à língua. (Friedrich 1978: 16)

Até esse momento nos detivemos no que diz respeito à memória enquanto máquina mental de um sujeito e nas relações de um indivíduo com suas lembranças, tenha sido ela fruto de suas próprias experiências ou adquiridas a partir de relatos de outros. Todavia, se como vimos a memória individual é incontável, há a memória coletiva de um grupo étnico ou nação que é controlável. Essa memória que iremos abordar agora é aquela definida por Roberto Correa dos Santos como a memória enquanto categoria histórica e que se refere a uma coletividade.

A memória coletiva consiste tanto em um instrumento, quanto em um objetivo do poder, na medida em que controlar o passado consiste em uma das preocupações daqueles que detiveram ou detêm o poder nas sociedades históricas. Um exemplo desses mecanismos de manipulação da memória coletiva são os silêncios e esquecimentos da história (Le Goff 1996). Além disso, é importante ainda destacar que a história e a memória possuem uma relação muito próxima, porque “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta” (Le Goff 1996: 477) Um exemplo do esquecimento da história oficial brasileira, é evidenciado no poema “Ressurgir das cinzas” de Esmeralda Ribeiro, no qual são citadas algumas das mulheres negras que contribuíram para a construção da história da afrodescendência no Brasil e que são

importantes tanto para a memória coletiva afro-brasileira como para a história do Brasil, mas que foram invisibilizadas:

Ressurgir das cinzas

Sou forte, sou guerreira,  
Tenho nas veias sangue de ancestrais.  
Levo a vida num ritmo de poema-canção,  
Mesmo que haja versos assimétricos,  
Mesmo que rabisquem, às vezes,  
A poesia do meu ser,  
Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:  
“Nunca me verás caída ao chão.”  
[...]

Sou guerreira como Luiza Mahin,  
Sou inteligente como Lélia Gonzáles,  
Sou entusiasta como Carolina Maria de Jesus,  
Sou contemporânea como Firmina dos Reis  
Sou herança de tantas outras ancestrais.  
E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,  
mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,  
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça  
mesmo assim tenho este mantra em meu coração:  
“Nunca me verás caída ao chão.”  
(Ribeiro 2004: 63)

Esse poema de Ribeiro é constituído na íntegra por seis estrofes. Acima transcrevi a primeira e a terceira estrofe, sendo todas elas finalizadas pelo refrão: “*Nunca me verás caída ao chão*”.

O eu desse poema, como está explícito no adjetivo *guerreira*, é um sujeito feminino negro. Na primeira estrofe, o sujeito ficcional descreve-se como guerreira e como herança de seus ancestrais, para em seguida comparar sua vida a uma poesia:

Levo a vida num ritmo de poema-canção,  
Mesmo que haja versos assimétricos,  
Mesmo que rabisquem, às vezes,  
A poesia do meu ser

Depois, o sujeito que se identifica como feminino elege precursoras e inventa uma linhagem na qual se insere. Ao fazer isso, a voz enunciadora contribui para a construção da identidade afrodescendente brasileira, pois, segundo Michael Pollack, a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente). Sendo um elemento constituin-

te do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

As figuras lembradas são mulheres fortes que participaram ativamente na construção da história da afrodescendência brasileira. Ao citar Luiza Mahin, Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Lélia Gonzáles, a voz enunciativa corrobora as seguintes palavras de Gonçalves Filho:

À margem das histórias autorizadas e apologéticas, a memória dos dominados resiste, entretanto, na tradição oral de grupos algo coesos, algo comunitários, onde pode ocorrer que os impasses do presente, tendo frisadas sua solidez e sua gravidade, sejam percorridos por uma espécie de teimosia. Entre coragem e paciência, uma teimosia que é engordada na lembrança de episódios fragmentários, envolvendo pessoas queridas e veneradas, que conheceram elas mesmas o peso daqueles impasses, pessoas que sofreram e morreram, mas obstinadamente se sustentaram no amor por direitos comuns inalienáveis, de cuja busca já não podiam prescindir a não ser mediante o sacrifício de sua própria dignidade, isto é, mediante o esfacelamento do que internamente os movia na convivência com as coisas, com as estruturas humanas, com os outros e consigo mesmos. (1988: 99)

Entre as citadas, Luiza Mahin é a mais velha. Tendo vivido no século XIX, a quituteira Mahin ficou conhecida como a líder da Revolta dos Malês. Esse movimento caracterizou-se por ter reunido participantes de vários grupos étnicos. Além disso, Mahin é a mãe do poeta Luiz Gama e um símbolo da mulher negra que participou efetivamente das organizações de revolta no período da escravidão, uma história esquecida pela história oficial brasileira.

Em seguida, temos as escritoras Firmina dos Reis e Carolina de Jesus. Maria Firmina dos Reis é a primeira a publicar sua obra. Tendo vivido no século XIX, Firmina foi professora, escritora e jornalista em um período em que a escravidão era reconhecida por lei. Atualmente, temos conhecimento das seguintes obras da autora: dois romances, *Úrsula* (1859), primeiro romance abolicionista de que se tem conhecimento na literatura brasileira; *Gupeva* (1861); o conto *A escrava* (1887); e um livro de poemas denominado de *Cantos a beira-mar* (1871). Carolina Maria de Jesus, assim como Reis, publicou obras literárias. Nascida em 1914, na cidade de Sacramento (MG), Carolina foi uma catadora de papel, favelada que teve sua primeira obra traduzida para diversas línguas. Entre os livros dessa escritora destacam-se *Quarto de Despejo* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bitita* (1982, publicação póstuma).

Finalizando o quarteto de mulheres negras lembradas pelo sujeito lírico, temos Lélia González, uma importante referência para o Movimento Negro brasileiro. Intelectual, política, professora e antropóloga brasileira, nascida em Minas Gerais e histórica no movimento feminista brasileiro. Entre a produção escrita de Lélia González

estão os livros *Lugar de Negro* (1982) e *Festas Populares no Brasil*, premiado na Feira de Frankfurt. Ela também produziu muitos artigos, comunicações, seminários.

Como sabemos, o “esquecimento [...] e memória [...] supõem o tema do poder. A memória exerce-se e avalia-se, sempre, a partir de uma posição ou a partir de um posicionamento em relação ao poder e à autoridade”(Achugar 2006: 206). Por isso, trazer em sua textualidade importantes figuras históricas que representam a luta dos afrodescendentes no solo brasileiro constitui um ato de empoderamento das escritoras negras.

Tendo em vista tudo o que expusemos neste texto, evidenciou-se que, por meio da produção de poemas, as escritoras afro-brasileiras dos *Cadernos Negros* têm contribuído para visibilidade de temas relacionados aos afro-brasileiros. Esses poemas algumas vezes possuem um sujeito lírico que se identifica como feminino, outras vezes não. E em outras ainda, nos são fornecidos elementos que permitem identificar o sujeito lírico como um ser feminino negro. E, assim, a partir do ponto de vista de escritoras afro-brasileiras, é tematizada a memória, seja ela referente a um indivíduo ou a um coletivo. Dessa forma, a produção poética das afro-brasileiras constrói a memória dos afrodescendentes brasileiros, trazendo à tona os importantes papéis desempenhados pelas mulheres negras ao longo da luta pela liberdade ontem e hoje.

#### OBRAS CITADAS

ACHUGAR, Hugo. 2006. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: UFMG.

BOSI, Alfredo. 1992. “O tempo e os tempos.” Aduato Novaes, org. *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura. 19-32.

BOSI, Ecléia. 1994. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. 1991. “Gênero”. José Luis Jobim. *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago.

CUNHA, Helena Parente da. 1979. “Os gêneros literários.” Eduardo Portella et al. *Teoria Literária*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

EVARISTO, Conceição. 1990. “Vozes- Mulheres.” *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje.

———. 1992. “Recordar é preciso.” *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje.

FOUCAULT, Michel. 1979. *Microfísica do poder*. Org e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. 12.

FRIEDRICH, Hugo. 1978. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Livrarias Duas Cidades.

GONÇALVES FILHO, J. M. 1988. "Olhar e Memória." Aauto Novaes, org. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras. 1: 95-124.

HEGEL, G. W. F. 1980. *Estética: poesia*. Tradução de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães.

LE GOFF, Jacques. 1996. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP.

POLLACK, M. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) 5.10: 200-212.

RIBEIRO; Esmeralda. 2004. "Ressurgir das cinzas. Esmeralda Ribeiro & Marcio Barbosa, orgs. *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje.

RIBEIRO; Esmeralda & Marcio Barbosa. 2004. Introdução. Esmeralda Ribeiro & Marcio Barbosa, orgs. *Cadernos Negros*. São Paulo: Quilombhoje.

SAID, Edward W. 2000. *Representações do Intelectual: as palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Colibri.

SANTOS, Roberto Correa dos. 1999. *Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a vida, o exterior*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

SOUZA, Florentina da Silva. 2005. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica

WEST, Cornel. 1999. "The dilemma of the Black Intellectual." *The Cornel West: reader*. New York: Basic Civitas Books. 302-315.

CONCEIÇÃO EVARISTO AND ESMERALDA RIBEIRO: BLACK INTELLECTUAL, POETRY AND MEMORY

ABSTRACT: This text intent to check the relations between poetry and memory in the literary works of the *Cadernos Negros'* authors. So, we chose some poems was written by Conceição Evaristo and Esmeralda Ribeiro that discuss the memory.

KEYWORDS: poetry, memory, authors, afrodescendent.

Recebido em 15 de outubro de 2009; aprovado em 30 de dezembro de 2009.